

MARCO AURÉLIO

MEDITAÇÕES

Tradução de
Carla Ribeiro



ÍNDICE

MEDITAÇÕES

LIVRO I	11
LIVRO II	23
LIVRO III	33
LIVRO IV.....	43
LIVRO V.....	63
LIVRO VI.....	79
LIVRO VII.....	99
LIVRO VIII.....	121
LIVRO IX.....	141
LIVRO X.....	159
LIVRO XI.....	175
LIVRO XII.....	191

LIVRO I

1.

Aprendi com o meu avô, Vero, a usar boas maneiras e a restringir a raiva.

2.

Na célebre memória do meu pai, tive um modelo de modéstia e de virilidade.

3.

Com a minha mãe, aprendi a ser piedoso e generoso, a manter-me afastado não só das más ações, mas até dos maus pensamentos, e a viver com uma simplicidade que está longe de ser usual entre os ricos.

4.

Devo ao meu bisavô o facto de não ter assistido a palestras e discussões públicas, tendo bons e hábeis mestres em casa. Devo-lhe também o conhecimento de que, para coisas desta natureza, uma pessoa não deve considerar qualquer despesa demasiado grande.

5.

O meu tutor ensinou-me a não favorecer o verde nem o azul nas corridas de quadrigas e, nas lutas de gladiadores, a não apoiar os muito ou pouco armados. Ensinou-me também a suportar o trabalho, a não necessitar de muitas coisas, a servir-me sem perturbar os outros, a não me intrometer nos seus assuntos e a não dar facilmente ouvidos a calúnias contra eles.

6.

Com Diogneto¹ aprendi a não me ocupar com coisas vãs, a não dar crédito às grandes afirmações daqueles que fingem realizar prodígios, ou dos feiticeiros sobre os seus encantamentos e a sua expulsão de demónios e afins, a não criar codornizes (para lutas ou adivinhação) e a não correr atrás dessas coisas, a suportar a liberdade de expressão dos outros e a dedicar-me de coração à filosofia. A ele devo agradecer também por ter ouvido primeiro Báquio², depois Tandasis e Marciano, por ter escrito diálogos durante a minha juventude e por ter começado a afeiçoar-me às ferramentas do filósofo, bem como às outras coisas que, através da disciplina grega, pertencem a essa profissão.

7.

A Rústico devo as primeiras perceções de que a minha natureza necessitava de reforma e cura, e o facto de não ter caído na ambição dos vulgares sofistas, compondo escritos

¹ Diogneto, um pintor.

² Báquio: existiram vários indivíduos com este nome, sendo talvez ao músico que é feita referência.

especulativos ou declamando arengas de exortação em público. Devo-lhe também o facto de nunca ter tentado ser admirado pela ostentação de grande paciência numa vida ascética ou pela exibição de atividade e dedicação, de ter desistido do estudo da retórica, da poesia e das graças da linguagem, e de não andar pela casa envergando os meus trajes senatoriais nem praticar afetações similares. Observei também a simplicidade no estilo das suas cartas, particularmente na que escreveu à minha mãe a partir de Sinuessa³. Com ele, aprendi a ser fácil de aplacar e a reconciliar-me rapidamente com aqueles que me tinham desagradado ou dado motivos para ofensa, mal se sentissem inclinados a fazer as pazes, a ler com atenção, a não me dar por satisfeito com um conhecimento ténue e superficial, e a não concordar rapidamente com os grandes oradores. Agradeço-lhe o facto de me ter dado a conhecer os discursos de Epicteto⁴, que me providenciou a partir da sua própria biblioteca.

8.

Com Apolónio aprendi a verdadeira liberdade e a tenacidade de propósito, a nada mais prezar, nem no mais ínfimo grau, a não ser sempre a razão, e a manter-me sempre inalterado nas agonias da dor, na perda dos filhos ou em longas doenças. Proporcionou-me um exemplo vivo de como o mesmo homem pode, consoante a ocasião, ser o mais brando o mais inflexível. Era paciente nas explicações e, como é bem visível, considerava a sua excelente competência e capacidade de

³ Sinuessa, cidade no Lácio.

⁴ Epicteto, célebre filósofo estoico. Era da Frígia e foi primeiro um escravo, depois liberto, coxo, pobre e satisfeito. A obra, chamada *Encheiridion*, foi coligida por um discípulo a partir dos seus discursos.

ensinar aos outros os princípios da filosofia como o menor dos seus dons. Foi com ele que aprendi a receber de amigos o que é considerado um favor sem parecer humilhado pelo dador ou insensível ao dom.

9.

Sexto⁵ foi o meu modelo de um temperamento bondoso, e a sua família o modelo de uma casa regida por verdadeira afeição paterna e por um firme propósito de viver de acordo com a natureza. Aqui, pude aprender a ser sério sem afetação, a observar sagazmente as várias disposições e inclinações dos meus amigos, a tolerar os ignorantes e aqueles que, sem as examinar, seguem as opiniões correntes. O seu diálogo mostrou-me como um homem pode adaptar-se a todos os homens e a todas as companhias, pois, ainda que o seu companheirismo fosse mais doce e agradável do que qualquer tipo de lisonja, era também altamente respeitado e venerado. Jamais homem algum foi mais feliz do que ele na compreensão, descoberta e disposição na ordem exata das grandes máximas necessárias à condução da vida. O seu exemplo ensinou-me a suprimir até a mais ínfima manifestação de raiva ou de qualquer outra paixão, mas a possuir, ainda assim, com toda esta perfeita tranquilidade, o mais terno e afetuoso dos corações, a ser capaz de aprovar os outros, mas sem fazer alarido, a ter muito saber e pouca ostentação.

⁵ Sexto de Queroneia, filósofo estoico, sobrinho de Plutarco.

10.

Com Alexandre, *o Gramático*⁶, aprendi a evitar censurar os outros, a abster-me de zombar deles por um barbarismo, solecismo ou qualquer falsa pronúncia. Na minha resposta, devia antes pronunciar habilmente as palavras da forma correta, restringindo a aprovação ou objeção à matéria em si e evitando discutir a expressão, ou utilizar alguma outra forma de sugestão cortês.

11.

Frontão⁷ sensibilizou-me para a muita inveja, falsidade e hipocrisia que rodeiam os príncipes e para o facto de, geralmente, aqueles que consideramos de nascimento nobre terem, de certa forma, um afeto menos natural.

12.

Com Alexandre, *o Platónico*⁸, aprendi a não dizer com frequência ou sem grande necessidade, bem como a não o escrever a qualquer homem numa carta, que não tenho tempo livre, e a não adquirir o hábito de, a pretexto de assuntos urgentes, me escusar aos deveres que, de acordo com os nossos vários laços, temos para com aqueles com quem vivemos.

⁶ Alexandre de Cotieus [*o Gramático*] (c. 70-80 d.C. – c. 150) foi um gramático grego, referido entre os professores do imperador romano Marco Aurélio.

⁷ Frontão, M. Cornélio, retórico e defensor, nomeado cônsul em 143 d.C. Várias das suas cartas a Marco Aurélio e a outros ainda subsistem.

⁸ Alexandre, *o Platónico*, foi um retórico e filósofo platónico grego do tempo dos Antoninos, considerado por alguns como um dos maiores retóricos do seu tempo.

13.

Com Catulo⁹ aprendi a não condenar a admoestação de um amigo, ainda que seja injusta, mas a tentar trazê-lo de volta à sua disposição anterior, a não poupar elogios ao falar sobre os meus mestres, como se diz de Domício e de Atenodoro, e a amar os meus filhos com verdadeiro afeto.

14.

Com Severo, meu irmão, aprendi a amar os meus familiares, a amar a verdade, a justiça. Foi através dele que conheci Trásea¹⁰, Helvídio¹¹, Catão¹², Dião e Bruto¹³. Deu-me a minha primeira ideia de uma Comunidade, assente em leis equitativas e administrada com igualdade de direitos, e de uma Monarquia cuja principal preocupação fosse a liberdade dos seus súbditos. Com ele aprendi também uma constante e harmoniosa devoção à filosofia, a estar preparado para fazer o bem, para ser generoso de todo o meu coração. Ensinou-me a ter esperança e a confiar no afeto dos meus amigos. Vi nele candura ao declarar o que condenava na conduta dos outros, e era tão franco e aberto o seu comportamento que os seus amigos facilmente

⁹ Catulo, um mestre romano de filosofia.

¹⁰ Trásea Peto, senador e filósofo estoico, um homem nobre e corajoso. Foi condenado à morte por Nero.

¹¹ Helvídio Prisco, genro de Trásea Peto, nobre e amante da liberdade. Foi desterrado por Nero e condenado à morte por Vespasiano.

¹² Catão, dito de Útica, um estoico que morreu pelas suas próprias mãos após a batalha de Tapso, em 46 a.C. O seu nome ficou conhecido pela virtude e coragem.

¹³ Bruto: (1) o libertador do povo romano dos seus reis; (2) o assassino de César. Ambos eram nomes conhecidos.

poderiam ver, sem as dificuldades da conjectura, aquilo que lhe agradava ou desagradava.

15.

Os conselhos de Máximo¹⁴ ensinaram-me a controlar-me, a avaliar com clareza, a ser corajoso na doença e noutros infortúnios, a ser moderado, afável, mas de disposição séria, e a cumprir sem me queixar a tarefa que me foi atribuída. Todos os homens acreditavam que ele dizia o que pensava, e o que quer que fizesse, sabiam que era feito com boas intenções. Nunca o encontrei surpreendido ou espantado com nada. Nunca tinha pressa, nunca se esquivava ao seu propósito, nunca estava perdido ou desalentado. Não sorria facilmente, mas também não era impetuoso nem desconfiado. Estava preparado para fazer o bem, para perdoar e dizer a verdade, e a impressão que dava era mais de imaculada retidão do que de um carácter reformado. Homem algum poderia alguma vez julgar-se desprezado por Máximo, e jamais alguém se atreveu a considerar-se seu superior. Tinha também um bom dom para o humor.

16.

Com o meu pai aprendi a indulgência e a firme constância nos julgamentos formados após a devida reflexão, a não me ensoberbecer de glória, tal como os homens a entendem, a ser trabalhador e assíduo. Ensinou-me a ouvir prontamente qualquer homem que oferecesse algo tendo em vista o bem comum, a aplicar a todos imparcial justiça, a entender corretamente quando deveria usar a severidade e a clemência, a abster-me de

¹⁴ Cláudio Máximo, um filósofo estoico.

quaisquer desejos impuros e a usar de humanidade para com todos os homens. Assim, deixava aos seus amigos a liberdade de cearem com ele ou não, de irem com ele ao estrangeiro ou não, consoante as suas inclinações; e eles encontravam-no exatamente igual se algum assunto urgente os tivesse impedido de obedecer às suas ordens. Com ele, aprendi a precisão e a paciência em assembleia, pois nunca abandonava uma dúvida satisfeito com as primeiras impressões. Observei o seu zelo em conservar os seus amigos sem ser inconstante ou demasiado afetuoso, o seu contentamento em qualquer condição, a sua alegria, a sua ponderação sobre acontecimentos muito distantes, a sua atenção discreta aos mais ínfimos pormenores, a sua abstenção de todos os aplausos e lisonjas populares. Sempre atento às necessidades do império, cuidadoso guardião da receita pública, tolerava a censura dos outros nesse tipo de assuntos. Não era um supersticioso adorador dos deuses nem um ambicioso bajulador de homens, nem atento à popularidade, mas sim sóbrio e constante em todas as coisas, hábil no que era honrado e sem afetações de originalidade. Quanto às coisas que tornam a vida fácil, e que a fortuna pode fornecer em tão grande abundância, utilizava-as sem orgulho, mas com toda a liberdade: gozava-as sem afetação quando estavam presentes e, quando estavam ausentes, não sentia a sua falta. Homem algum lhe poderia chamar sofista, tolo ou pedante. Era um homem de experiência madura, pleno, impossível de lisonjear e capaz de se governar tão bem como aos outros. Observei também que honrava todos aqueles que eram verdadeiros filósofos, sem exprobrar os restantes nem se deixar desviar por nenhum deles. Os seus modos eram simples, o seu diálogo encantador, mas não enfastiante. Cuidava regularmente, mas com moderação, do seu corpo, não como alguém demasiado apaixonado pela vida ou pelo adornar da sua pessoa

nem como alguém que despreza estas coisas. Assim, pelo seu próprio cuidado, raramente precisava de remédios, fossem unguentos ou poções. Tinha o mérito especial de ceder sem inveja a qualquer indivíduo que tivesse adquirido uma capacidade especial, fosse a eloquência ou o conhecimento da lei, dos antigos costumes ou algo similar, ajudando-o laboriosamente, para que todos pudessem ser vistos e estimados pela sua excelência particular. Cumpria rigorosamente os antigos costumes dos seus antepassados e conservava, sem mostras de afetação, os hábitos da sua terra natal. Não era inconstante nem caprichoso, e adorava não mudar de lugar nem de trabalho. Após os seus violentos surtos de dores de cabeça, regressava, fresco e vigoroso, aos afazeres habituais. Segredos tinha poucos e raramente, e só no que dizia respeito à vida pública. Mostrava discrição e moderação na exibição de espetáculos para entretenimento do povo, nas suas obras públicas, dádivas e similares, e, em todas essas coisas, agia como alguém a quem só importava o que era correto e apropriado nas coisas em si, e não a reputação que se lhes poderia seguir. Nunca se banhava a horas atípicas, não tinha vaidade na sua constituição, nunca se preocupava com a sua comida nem com o modelo ou cor das suas roupas ou a beleza dos seus servos. Os seus trajés vinham de Lorium — a sua *villa* na costa — e eram sobretudo de lã de Lanúvio. É recordada a forma como utilizou o cobrador de impostos que, em Túsculo, pediu o seu perdão, e todo o seu comportamento era do mesmo tipo. Estava longe de ser desumano, implacável ou violento; nunca fazia nada com tanta avidez que se pudesse dizer que estava preocupado com isso; em todas as coisas, raciocinava distintamente, como alguém que se sente à vontade, de forma calma, regular, resoluta e consistente. Poder-se-lhe-ia aplicar com justiça o que foi escrito sobre Sócrates: que podia abster-se e desfrutar destas coisas, em cuja

ausência muitos se revelam fracos e imoderados quando na sua posse. Ser forte na abstinência e moderado no gozo, sendo sóbrio em ambos, são qualidades de um homem cuja alma é perfeita e invencível, tal como foi demonstrado na doença de Máximo.

17.

Aos deuses, devo o facto de ter tido bons avós e pais, uma boa irmã, bons mestres, bons servos, bons parentes e amigos, sendo quase todos bons. Tenho a agradecer-lhes o facto de nunca, por pressa ou precipitação, ter ofendido nenhum deles, ainda que o meu temperamento pudesse, por vezes, ter-me levado a tal, caso a ocasião surgisse. Mas, em virtude da sua bondade, não se verificou o conjunto de circunstâncias que poderia ter revelado a minha fraqueza. Estou também grato por não mais ter sido criado com a concubina do meu avô, por ter mantido a minha modéstia e por me ter absterido por mais tempo do que o necessário dos prazeres do amor. Aos deuses devo o facto de ter vivido sob a autoridade de um tão bom príncipe e pai que conseguiu afastar de mim toda a vã glória e convencer-me de que não era impossível a um príncipe viver numa corte sem guardas, vestes deslumbrantes, tochas, estátuas ou outros artigos de classe e magnificência, podendo reduzir-se quase ao estatuto de homem privado, sem por isso se tornar inferior ou negligente nos assuntos da vida pública, em que o poder e a autoridade são necessários. Agradeço aos deuses por ter tido um irmão capaz de, pelo seu temperamento, me incentivar a cuidar de mim mesmo, encantando-me ao mesmo tempo com o seu respeito e amor. Agradeço-lhes por não faltarem aos meus filhos bons temperamentos naturais e por os seus corpos não

serem deformados. Devo à sua boa orientação o facto de não ter feito mais progressos na retórica e na poesia, bem como noutros estudos que teriam absorvido a minha mente caso neles tivesse tido sucesso. Pela graça dos deuses, antecipei os desejos daqueles que me educaram, concedendo-lhes as honras que mais pareciam almejar, e não o adiei na esperança de, uma vez que eram ainda jovens, poder fazê-lo mais tarde. Devo aos deuses o facto de ter conhecido Apolónio, Rústico e Máximo, de ter tido a oportunidade de meditar, de forma frequente e eficaz, comigo mesmo e de questionar o que é realmente a vida de acordo com a Natureza. E, no que diz respeito à prática dos deuses de oferecer sugestões, auxílio ou inspiração, nada me impede de ter já compreendido essa vida. Foi por minha própria culpa que fiquei aquém, e por não ter prestado atenção às advertências interiores e às instruções quase diretas dos deuses, a quem dou graças por o meu corpo ter resistido durante tanto tempo à pressão de uma vida como a que tenho levado. Foi pela sua bondade que nada tive que ver com Benedita ou Teódoto e que, posteriormente, quando cedi a algumas paixões insensatas, não tardei a ficar curado. Dou graças por, tendo muitas vezes ficado descontente com Rústico, nunca lhe ter feito nada de que me pudesse posteriormente arrepender; por, ainda que a minha mãe estivesse destinada a morrer jovem, ter passado comigo os seus últimos anos; por nunca ter respondido, na minha frequente tendência para socorrer quantos eram pobres ou se tinham visto nalgum tipo de dificuldade, que não havia dinheiro suficiente para o fazer e que eu mesmo nunca necessitara de tal auxílio de outrem. Devo também sentir-me grato por ter uma esposa como a minha, tão obediente, afetuosa e ingénua, por ter tido vários homens aptos e capazes a quem confiar a educação dos meus filhos. Recebi em sonhos auxílios divinos, como,

especificamente, a forma de parar de cuspir sangue e de curar as minhas vertigens, e a sorte que felizmente tive em Caieta¹⁵. Os deuses também cuidaram de mim quando me dediquei à filosofia, pois não caí nas mãos de nenhum sofista nem fiquei sentado a estudar muitos volumes, nem me dediquei a resolver silogismos ou a olhar para as estrelas. Que todas estas coisas tivessem ocorrido de forma tão feliz deveu-se, em grande medida, ao auxílio da fortuna e dos deuses.

No território dos Quados, junto ao Granua¹⁶.



¹⁵ Caieta, cidade no Lácio.

¹⁶ Granua, afluente do Danúbio.

LIVRO II

1.

De manhã, diz isto a ti mesmo: «Hoje, terei de lidar com os intrometidos, com os ingratos, com os insolentes, com os astutos, com os invejosos e com os egoístas. Todos estes vícios os assolam, pois não sabem o que é o bem e o que é o mal, mas eu meditei sobre a natureza do bem e achei-a bela; contemplei a natureza do mal e achei-a feia. Compreendo também a natureza do iníquo e sei que ele é meu irmão, não por partilhar comigo o mesmo sangue ou a mesma semente, mas porque partilha da mesma mente e da mesma parte da imortalidade. Não posso, pois, ser ferido por nenhum destes, uma vez que nenhum deles pode envolver-me em qualquer vileza. Não me posso zangar com o meu irmão nem separar-me dele, pois fomos, por natureza, feitos para auxílio mútuo, como os pés, as mãos, as pálpebras e as filas superior e inferior dos dentes.» É contra a natureza que os homens se oponham uns aos outros; e que outra coisa é a raiva e a aversão?

2.

Tudo o que sou é carne, fôlego ou razão. Afasta de ti os teus livros, não te distraias mais, pois não tens esse direito, tal como alguém no limiar da morte despreza a sua carne, estes ossos

e sangue corruptíveis, esta rede de nervos, veias e artérias. Pensa também no que é a respiração — mero ar, e em constante mudança, expelido e inalado de novo a cada momento. A terceira parte é a razão. Presta-lhe atenção, agora que estás velho, para que não mais permaneça em servidão, para que não mais seja arrastada de um lado para o outro como uma marioneta por cada impulso egoísta. Não te lamentes mais pelo que o destino agora te envia nem temas o que te poderá suceder depois.

3.

Os decretos dos deuses estão cheios de sábia providência. Os mecanismos do acaso não estão separados da natureza nem desprovidos de ligação e entrelaçamento com os desígnios da Providência. A Providência é a fonte de todas as coisas. Além disso, há a necessidade e a utilidade do Universo, do qual fazes parte, pois, para cada parte de um ser, é bom o que brota da natureza do todo e tende à sua preservação. Ora, a ordem da Natureza é preservada nas mudanças dos elementos, bem como nas mudanças das coisas compostas. Que isto te baste e seja o teu credo imutável. Afasta de ti a sede dos livros para que não morras a murmurar, mas sim docilmente e com verdadeira e sentida gratidão aos deuses.

4.

Pensa na tua longa procrastinação e nas muitas oportunidades que recebeste dos deuses, mas que deixaste por utilizar. É, decerto, mais que tempo de compreenderes o Universo de que fazes parte, e o Senhor desse Universo, do qual és uma emanção; que há um limite definido para os teus dias, que,

se não os usares para tua iluminação, partirão, tal como tu mesmo, para nunca mais regressar.

5.

Esforça-te de forma séria e constante, enquanto romano e enquanto homem, por fazeres o que te compete com perfeita e inabalável dignidade, com bondade, liberdade e justiça, e liberta a tua alma de qualquer outra imaginação. Conseguir-lo-ás se realizares cada ação como se fosse a tua última, sem teimosia ou qualquer aversão arrebatada ao que a razão aprova, sem hipocrisia, egoísmo ou descontentamento com os decretos da Providência. Vês como são poucas as coisas que é necessário dominar para que um homem possa levar uma vida simples e temente a Deus, pois àquele que segue estes princípios, nada mais é exigido pelos deuses.

6.

Continua, continua, ó minha alma, a afrontares-te e a desonrares-te! O tempo que te resta para te honrares não será muito. É curta a vida de todos os homens, e a tua está quase gasta — não a honrares-te a ti mesma, mas a procurares a tua felicidade nas almas dos outros homens.

7.

Os cuidados exteriores distraem-te. Tem, pois, o cuidado de acrescentar algo de bom ao teu conhecimento. Livra-te da hesitação e evita o outro erro, pois são também frívolos aqueles que, através das suas atividades, se desgastam na vida, não

tendo qualquer objetivo definido a que possam apontar, de uma vez por todas, todos os seus desejos e projetos.

8.

Raros são aqueles que se sentem infelizes por não observarem o que vai na mente dos outros. Mas os que não veem bem os frêmitos das suas próprias almas têm necessariamente de ser infelizes.

9.

Lembra-te sempre de qual é a natureza do Universo, de qual é a tua própria natureza e da forma como se relacionam uma com a outra. Lembra-te de que parte das tuas qualidades vem das qualidades do todo, e que nenhum homem pode impedir-te de falar e agir sempre em conformidade com essa natureza de que fazes parte.

10.

Ao comparar crimes da forma como, segundo o pensamento popular, estes podem ser comparados, Teofrasto¹⁷ faz a verdadeira distinção filosófica, que os crimes cometidos por motivos de prazer são mais hediondos do que os cometidos por paixão, pois aquele que é vítima da paixão é nitidamente desviado da razão por algum espasmo ou convulsão que o apanha desprevenido. Mas aquele que peca por desejo é vencido

¹⁷ Teofrasto, filósofo, discípulo de Aristóteles e seu sucessor como presidente do Liceu. Escreveu um grande conjunto de obras sobre filosofia e história natural. Morreu em 287 a.C.

pelo prazer, parecendo assim mais imoderado e efeminado no seu vício. Diz justamente, e em verdadeiro espírito filosófico, que o pecado cometido em nome do prazer é mais perverso do que o pecado devido à dor, pois neste houve quem pecasse contra o pecador, sendo este assim movido à paixão pelos seus sofrimentos, enquanto o primeiro decidiu pecar por iniciativa própria, sendo a sua luxúria a conduzi-lo às más ações.

11.

Pratica todos os atos, diz todas as palavras, tem todos os pensamentos com o conhecimento de que os teus dias podem acabar a qualquer momento. Se realmente existem deuses, afastares-te dos homens não é nada de terrível. Os deuses não poderiam fazer cair sobre ti qualquer mal. E, se não existem deuses, ou não têm qualquer consideração pelos assuntos humanos, porque haveria eu de querer viver num mundo desprovido de deuses e de Providência? Mas os deuses existem e observam certamente os assuntos humanos, e deixaram integralmente nas mãos do Homem que este não caísse no que é verdadeiramente funesto. Quanto às outras coisas, se algumas delas fossem más, teriam também tomado providências para que o Homem tivesse o poder de as evitar por completo, pois como pode agravar a vida de um homem aquilo que não corrompe o próprio homem? A Natureza reinante não poderia, por ignorância, ou impotente no seu conhecimento, ter deixado de prevenir ou retificar estas coisas. Não nos falharia tão completamente que, por falta de poder ou de competência, bem e mal pudessem ocorrer promiscuamente e de igual modo a homens bons e maus. Ora, morte e vida, glória e opróbrio, dor e prazer, riqueza e pobreza: tudo isto acontece tanto aos bons como aos maus,

mas, como não são honrosos nem vergonhosos, não são, pois, bons nem maus.

12.

É da competência do nosso poder racional compreender quão rapidamente todas as coisas desaparecem, como as formas corpóreas são devoradas no mundo material e a sua memória na maré das eras. Assim são todas as coisas dos sentidos, principalmente as que nos seduzem com o prazer ou nos aterrorizam com a dor, ou as coisas que a vaidade nos anuncia ao ouvido. Que mesquinhas, desprezíveis, sórdidas, perecíveis, mortas todas elas! O que são aqueles cujas opiniões e vozes conferem notoriedade? O que é morrer? A tua mente pode dizer-te que, se alguém pensasse apenas nesse facto e, através de uma ponderação atenta, o despisse do seu sinistro aparato, deixaria de o considerar algo mais do que uma obra da Natureza. Recear uma obra da Natureza é algo infantil, e trata-se não só de uma obra da Natureza, como de algo que lhe é benéfico. A tua razão diz-te de que forma o Homem chega a Deus, e através de que parte, e qual é o estado dessa parte no momento em que O alcançou.

13.

Nada, diz o poeta, é mais infeliz do que vaguear por todas as coisas, espiar as profundezas da Terra e examinar, por conjectura, as almas daqueles que nos rodeiam, não percebendo, ainda assim, que basta ao Homem dedicar-se à divindade que está dentro de si e prestar-lhe verdadeiro culto. E este culto consiste em mantê-la livre de quaisquer paixões e loucuras, e do descontentamento ante o que foi feito por deuses ou

homens. A obra dos deuses deve ser venerada pela sua excelência. As obras dos homens devem ser estimadas em nome do laço de afinidade, ou lamentadas, como por vezes temos de fazer, pela sua falta de conhecimento do bem e do mal. E os homens não são menos mutilados por este defeito do que pela sua falta do poder de distinguir o preto do branco.

14.

Ainda que vivas três mil anos ou outras tantas miríades, lembra-te, ainda assim, de que ninguém perde outra vida que não a que agora vive, nem vive outra vida além da que agora perde. As vidas mais longas ou mais breves têm o mesmo resultado. O momento presente é igual para todos, sendo a sua perda igual, pois é evidente que o que perdem na morte não passa de um instante fugaz. Ninguém pode perder o passado ou o futuro, pois como pode alguém ser privado daquilo que não tem? Importa, pois, recordar estas duas coisas: primeiro, que todas as coisas ocorrem em ciclos e são igualmente duradouras, não importando se alguém as contempla durante cem ou duzentos anos ou por uma extensão infinita de tempo; e, em segundo lugar, que aquele que vive mais tempo e o que morre mais cedo têm na morte uma perda igual. É apenas do presente que ambos são privados, pois é só isso que têm. Ninguém pode ser privado daquilo que não tem.